



Como chegaríamos lá e A cabuya¹

Juan Pablo Villalobos²  

Universidade Pompeu Fabra

Tradução: Andreia Sanchez Moroni

Resumo

Este texto reúne o oitavo e o nono capítulos do livro “*Yo tuve un sueño: el viaje de los niños centroamericanos a Estados Unidos*”. O livro apresenta, com recursos da ficção, dez depoimentos de menores que imigraram de Honduras, Guatemala e El Salvador aos EUA, coletados em 2016. Um dos capítulos narra a travessia dos irmãos Santiago e Daniel desde El Salvador, seu país natal, cruzando por terra a Guatemala e o México até chegar à fronteira dos EUA, onde se entregaram à polícia migratória com intenção de se reunir com a mãe, que morava em Nova York. Eles fizeram a viagem quando tinham quinze e dez anos, acompanhados de *coyotes*. Outro narra o momento em que a hondurenha Kayla, de treze anos, atravessa um rio com a prima e a filha desta de oito meses, com a ajuda de outros migrantes. As três viajavam sozinhas. O livro, publicado na Espanha, está inédito em português.

Palavras-chave

Imigração. Menores migrantes centro-americanos. Crise migratória dos EUA em 2014.

1. Versão original: VILLALOBOS, Juan Pablo. **Yo tuve un sueño**: el viaje de los niños centroamericanos a Estados Unidos. Barcelona: Anagrama, 2018. p. 81-103.

2. Escritor e autor de oito romances e um livro infanto-juvenil, sete dos quais estão publicados no Brasil, a maioria pela editora Companhia das Letras. Morou em Campinas, SP, entre 2011 e 2014.

Cómo nos íbamos a ir y La cabuya

Resumo: Este texto reúne los octavo y noveno capítulos del libro “Yo tuve un sueño: el viaje de los niños centroamericanos a Estados Unidos”. El libro presenta, mediante elementos de ficción, diez testimonios de menores que emigraron de Honduras, Guatemala y El Salvador a Estados Unidos, recopilados en 2016. Uno de los capítulos narra el viaje de los hermanos Santiago y Daniel desde El Salvador, su país natal, cruzando Guatemala y México por tierra hasta llegar a la frontera con Estados Unidos, donde se entregaron a la policía de inmigración con la intención de reunirse con su madre, quien vivía en Nueva York. Realizaron el viaje cuando tenían quince y diez años, acompañados por coyotes. Otro narra el momento en que Kayla, una niña hondureña de trece años, cruza un río con su prima y la hija de ocho meses de esta, con la ayuda de otros migrantes. Las tres viajaban solas. El libro, publicado en España, no ha sido publicado en portugués.

Palabras clave: Inmigración. Niños migrantes centroamericanos. Crisis migratoria de Estados Unidos en 2014.

How we were going to get there and La Cabuya

Abstract: This text brings together chapters eight and nine of the book “Yo tuve un sueño: el viaje de los niños centroamericanos a Estados Unidos”. The book presents, using fictional elements, ten testimonies from minors who immigrated from Honduras, Guatemala, and El Salvador to the USA, collected in 2016. One chapter narrates the journey of brothers Santiago and Daniel (identified by pseudonyms) from El Salvador, their native country, crossing Guatemala and Mexico by land until reaching the US border, where they surrendered to immigration police intending to reunite with their mother, who lived in New York. They made the journey when they were fifteen and ten years old, accompanied by coyotes. Another narrates the moment when thirteen-year-old Kayla from Honduras crosses a river with her cousin and her cousin’s eight-month-old daughter, with the help of other migrants. The three girls traveled by themselves. Published in Spain, the book is unpublished in Portuguese.

Keywords: Immigration. Central American migrant children. The 2014 US migration crisis.

Como chegaríamos lá³

A despedida

Naquele dia de manhã, eu e meu irmão nos levantamos bem cedo. Fomos à igreja, porque nós íamos à igreja, e o padre era muito amigo nosso. Fomos pedir-lhe

3. Em 2014, os EUA testemunharam uma de suas maiores crises migratórias: quase 70.000 menores encontravam-se detidos nas fronteiras após terem tentado entrar no país de forma irregular. Diante disso, Michael Benoist, editor da revista eletrônica *Medium.com*, encomendou ao escritor mexicano Juan Pablo Villalobos uma reportagem que consistia em coletar o depoimento de um desses menores. O projeto cresceu e se transformou em livro. Para escrevê-lo, o autor coletou, em Nova York e Los Angeles, entre maio e junho de 2016, dez depoimentos de menores migrantes originários de El Salvador, Guatemala e Honduras – os países de onde provinha a grande maioria dos menores migrantes interceptados pela polícia migratória dos EUA. Os autores dos depoimentos imigraram entre as idades de 10 e 17 anos e foram entrevistados quando tinham entre 12 e 19 anos. A intermediação entre eles e o autor foi feita com apoio das ONGs CARECEN Los Angeles e The Door, as quais propuseram, de forma respeitosa, a participação no projeto e zelaram pelo bem-estar dos participantes ao longo do processo. Conhecer as motivações desses jovens para migrar vai muito além do eufemismo de “buscar uma vida melhor” ou fugir da pobreza. No caso específico destes depoimentos, elas passam por evadir violência sexual, discriminação por orientação sexual ou as ameaças e pressões para integrar gangues armadas que controlam o tráfico de drogas. Enumerar essas razões ainda é insuficiente para dar conta de realidades extremamente complexas, que os trabalhos apresentados neste número de *Ambivalências* certamente ajudarão a compreender melhor. Como alerta Villalobos (2018, p. 11) em sua nota introdutória, trata-se “de um livro de não-ficção, embora sejam usadas técnicas narrativas da ficção para proteger os protagonistas. [...] Os nomes dos menores foram trocados para preservar seu anonimato”. As notas de rodapé estão presentes na edição original, tendo sido adaptadas para o leitor brasileiro, exceto quando indicado como nota da tradutora. As temáticas emergentes desses depoimentos continuam atuais e travessias como as de Santiago, Daniel e Kayla continuam a ocorrer. (N. da T.)

a bênção, pedir que rezasse por nós. Eu estava com um pouquinho de medo de que pudesse acontecer alguma coisa comigo no caminho. O que me dava mais medo era o México. Por causa dos cartéis, essas coisas. Antes de irmos, o primo de um colega tinha ido e levado tipo uns dois meses no caminho, porque ele estava na cidade dos Zetas, os cartéis estavam muito ativos, então eles tiveram que se refugiar numa casa e ficaram lá muito tempo. Por isso quisemos ir ver o padre, mas o padre estava dizendo a missa e só deixamos para ele o recado de que já íamos embora e de que rezasse por nós.

Então o meu tio, que tem carro, nos levou até a fronteira. Saímos às oito da manhã e chegamos à fronteira lá pelas dez. Às dez fomos ao lugar exato que nos disseram, ali passava um ônibus que levava exatamente até a fronteira com a Guatemala, porque ainda não tínhamos chegado exatamente à fronteira. Nos despedimos de todos que estavam lá, do meu tio, da minha avó, da minha outra tia, da esposa do meu tio e da nossa priminha, que tinham nos acompanhado. A minha priminha ia sentada no meu colo e não queria me deixar ir. Eu só disse a ela: espera aqui que eu vou comprar *pupusas*⁴.

Você não pode ficar aqui

Mandaram a gente subir em tal ônibus e descer em tal lugar e que lá haveria umas pessoas nos esperando. Então fomos no ônibus, nós dois sozinhos, esperamos até a última parada, ainda em El Salvador, e quando descemos havia duas pessoas nos esperando de bicicleta. Depois nós caminhamos, eles iam na frente e nós atrás, a uns cinco metros de distância, eles só paravam para ver se a gente não tinha se perdido. Depois um deles parou, nos esperou e pediu todo o dinheiro que trazíamos, ele disse que ia atravessar com segurança por outro lugar. Fomos com o outro cara e chegamos a um ponto do rio, na fronteira com a Guatemala. Ele disse que íamos atravessar o rio e eu achei que íamos atravessar de bote ou algo assim, mas não, tivemos que atravessar caminhando, a água chegava mais ou menos até a metade do meu corpo, e do meu irmão quase igual, porque somos quase da mesma altura. Tivemos que tirar a calça, os sapatos, íamos só de cueca e camisa. Estávamos sozinhos que só vendo nessa parte do rio. Só estávamos nós dois e o cara que nos acompanhava. Havia uns homens que estavam tirando areia do rio, mas não nos disseram nada.

Atravessamos andando e a corrente estava um pouco forte e as pedras do fundo estavam muito lisas, então eu ia com cuidado e o meu irmão escorregou. Eu disse a ele: não, estamos no começo, você não pode ficar aqui. E nós o seguramos. Depois, chegamos do outro lado, já era a Guatemala. Lá colocamos a roupa e tudo, mas foi só dar cinco

4. Tortilhas de farinha (massa fina e assada em formato redondo, como as usadas para fazer *tacos*), porém recheadas, típicas de El Salvador. (N. do E.)

passos, não demos nem dois passos para entrar na Guatemala, e já tinha um guatemalteco nos esperando com um gorro ninja tapando a cara e uma faca. Ele mandou a gente entregar tudo o que trazíamos. Não ouvimos bem, então o cara que nos levava disse pra ele: eu sou de tal e tal e tal lugar, então vai ter problemas. Eu não entendi direito, porque ele falou muito rápido. No final, ele só entregou vinte dólares e fomos embora.

Andamos uns quinze minutos e chegamos a uma estradinha de terra e o outro cara, de quem tínhamos nos separado, já estava ali nos esperando. Ele disse que tinham roubado o dinheiro que demos a ele, que tinha sido outro guatemalteco, que ele também tinha sido pego no outro caminho e teve que entregar o dinheiro.

Depois disso, subimos no ônibus que ia nos levar ao terminal da Guatemala e passamos mais ou menos das onze às sete da noite no ônibus.

Então chegamos à capital.

Todo mundo que vai cruzar

Daí esperamos até a meia-noite. Daí nos reunimos com mais duas pessoas que chegaram. Com uma moça e o namorado dela. Daí o ônibus saiu com todo mundo lá pela meia-noite para a fronteira do México. Chegamos lá às seis da manhã, no ponto de ônibus, e tinha um carro nos esperando. Nos levaram a um hotel e lá pegamos outro micro-ônibus que nos levou pra um lugar onde tem bastantes hotéis na beira do rio e que é aonde chega todo mundo que vai cruzar. Não são hotéis, é a casa das pessoas que montaram restaurantes nelas. Então todo mundo chega lá, come, espera mais um pouco e então sai uma viagem. E daí chega outra viagem e daí sai.

Nós chegamos ali lá pelas oito da manhã. Esperamos, nos serviram uma refeição e saímos às dez.

Lá tinha crocodilos

Saímos numa lancha para atravessar o rio e chegar ao México, éramos umas vinte pessoas e estava entrando um pouquinho de água. Demoramos duas horas e meia para chegar de um ponto ao outro. Não atravessamos o rio reto, em parte porque lá tinha crocodilos e também porque tinha outras blitzes. Foram uns na frente para ver se havia blitz. Esse rio tinha correnteza, então mandaram todo mundo ficar na parte de trás e fomos para trás e a lancha levantou. Ela ia pulando e nós só dizíamos: ai ai ai ai ai. Aí, sim, enjoamos pra valer. Estávamos com medo porque era a primeira vez que pegávamos uma lancha e havia crocodilos. Tinha uns cinco aqui, cinco ali e tinha gente que parecia que estava numa excursão: ah, olha, ali tem outro, ali tem outro, ali tem um macaco.

Passamos por um lugar para pegar combustível, não paramos, só passamos devagar e nos deram o combustível, um dos caras que iam pilotando a lancha teve que descer e quase foi mordido por um crocodilo, mas nós gritamos pro crocodilo e atiramos uma pedra e ele não conseguiu morder o cara, ele se salvou. Depois disso chegamos no ponto onde íamos descer.

Rápido e quietos

Caminhamos uns quinze minutos para dentro, ou mais. Já no México. Estávamos com muito medo. Chegamos a umas casas onde havia uns carros nos esperando, com umas lâminas, eram umas picapes. Meteram a gente dentro e nós íamos assim, sentados, para que as lâminas tapassem a gente e não desse pra ver que levavam nada. Depois disso nos levaram até uma casa, de vigas e cimento. Lá moravam umas cinco pessoas, nos serviram comida, dormimos, fazia bastante frio e parecia que eles eram indígenas. Só um falava a nossa língua. Só um dos cinco. O namorado da moça e eu dormimos no chão. Deram uma rede para o meu irmão e ele dormiu com a moça. A gente tinha um agasalho, mas mesmo assim fazia muito frio.

Às três da manhã voltamos a sair nos carros das lâminas e íamos quietos, quietos. Eram três picapes. Numa iam vinte pessoas, em outra vinte e na outra, quinze. Nós íamos na de quinze, sentados, quase deitados, para que ninguém visse nada do lado de fora. Passamos umas três ou quatro horas assim. Mandaram a gente descer num lugar, porque havia uma blitz ali na frente, e tivemos que desviar andando. Foram uns dez minutos e rápido. Rápido e quietos. Rápido e quietos. Ninguém falava. E, se alguém falasse, mandavam ficar quietos, eles diziam: assim vão pegar a gente, assim vão pegar a gente.

Voltamos a subir nas picapes e chegamos a um lugar onde entramos num ônibus. Era um vilarejo, não sei onde, eu esqueci os nomes. Entramos nesse ônibus para chegar a outro vilarejo e lá estavam nos esperando em outra caminhonete e nos levaram até a casa.

Vamos ficar um tempo

Nessa casa nos serviram comida, descansamos um pouco, tomamos banho e, depois disso, já de tarde, lá pelas seis da tarde, o cara que ia conosco nos explicou como iríamos. Ele nos disse que ia passar um ônibus e que iríamos na parte da bagagem, embaixo. Então fomos de carro e, quando o ônibus já estava no ponto, nós, tipo, demos a volta por trás e então entrou primeiro a moça com o namorado, entrou o cara, o meu irmão e então eu, que fui o último. Éramos cinco nesse espaço. Eu ia na beira, onde

estava a porta. O cara que nos enfiou no bagageiro disse vamos ficar um tempo sem ar-condicionado, porque cada compartimento tem ar-condicionado, para o caso de levarem algo que derrete, essas coisas. Então nos disseram vamos ficar um tempo com a luz e o ar-condicionado desligados, porque vamos estar no terminal onde eles pegam os passageiros, e lá vocês não podem dizer nada, nada, nada. E na beira, ali perto da porta, tinha um telefone que comunicava com o motorista, ele ia me avisar quando fosse a hora de descer.

O ônibus fez uma parada, ficamos quietos, sem fazer nenhum barulho. Eu sentia que me asfixiava, tenho medo de espaços pequenos, precisava de ar. Ficamos parados ali de dez a quinze minutos. Depois disso o ônibus continuou, continuou. Por umas duas horas e meia ou três. A gente tentava dormir, mas não tinha como. Íamos conversando sobre o que ia acontecer, de como iríamos cruzar a fronteira. Foi aí que pudemos nos conhecer melhor. Então o motorista falou com a gente e disse que ia fazer uma parada, que ia parar só cinco minutos e que tínhamos que descer ali. Ele parou, o cara que tinha que abrir a porta desceu, abriu as cortinas, nós descemos, saímos rápido e fomos assim, colados no ônibus, até o carro que estava nos esperando.

Já estávamos na Cidade do México.

Então começou a subir mais gente

Mandaram a gente vestir o casaco porque ia fazer muito frio. Havia outro carro nos esperando para nos levar a outra casa, e nessa casa ficamos três dias, porque havia muito movimento de migração e coisas assim. Lá, como eu sei cozinhar, fiz sopa de frango para todo mundo. Lá, sim, que dormimos em camas, tomamos banho.

Três dias depois vieram para nos levar num carro e nos disseram que iam nos levar num reboque de caminhão até Monterrey. Um carro veio nos buscar e no meio da estrada trocamos para outro carro. Esse carro nos levou a outra casa onde esperamos e lá subimos no reboque, na parta da frente. Andamos ali umas duas horas. Nós íamos mais ou menos confortáveis, mas então começou a subir mais gente, mais gente, mais gente na parta da frente. Depois nos passaram para outro reboque, agora, sim, na parte de trás.

Então nós entramos na parte de trás, primeiro éramos umas cinquenta ou sessenta pessoas, íamos confortáveis, dava para deitar, para sentar. O caminhão levava uns móveis no baú e da metade pra cá levava as pessoas. Íamos confortáveis, dava para se mexer à vontade. Depois disso o caminhão parou e subiram mais umas vinte pessoas e depois fez outra parada e subiram mais vinte pessoas. E continuou. No total éramos cento e cinquenta pessoas, íamos todos encolhidos e não podíamos nem respirar, eu não conseguia respirar, pois sou gordinho...

Teve uma hora em que eu já não aguentava de dor nos pés, porque ia muito encolhido, então fiquei de pé e disse pro meu irmão deitar no meu espaço, para descansar. Eu fui de pé e por causa do nosso calor, por causa do vapor, o teto suava e então o frio de fora fazia cair gotas geladas. Eu tentava apoiar a cabeça para dormir e as gotas me acordavam.

Ao lado iam uns mexicanos grandões que iam falando, gastando oxigênio, e então acharam que era a gente que estava falando. E todos diziam: cala a boca, cala a boca.

Tinham nos avisado que ia ter uma hora que, quando o caminhão parasse, ele ia fazer barulho duas vezes com o motor, e que isso queria dizer que ele ia passar por um pedágio. E que quando ele fizesse barulho uma vez só era porque havia policiais, que o caminhão tinha sido parado.

Ficamos umas doze horas ou mais nesse reboque. Eu ia olhando a hora no celular. Então começou a descer gente, iam mandando as pessoas descerem, descerem aos poucos, e quando já não havia mais quase ninguém na parte de trás, nos passaram para a da frente. Nós fomos os últimos a descer e nos deixaram num posto de gasolina.

E daí já estávamos em Monterrey.

Façam de conta que estão dormindo

Depois um carro buscou a gente ali e nos levou a uma casa, onde havia outro carro que nos levou a um ponto de ônibus especiais, onde um ônibus ia nos levar de Monterrey a Reynosa. Ali um cara disse pra gente: olha, depois de uma hora, uma hora e meia de viagem, o ônibus vai fazer uma parada, vocês vão passar por uma coisa da imigração. Quando eles disseram isso, eu me assustei. Mas ele disse que talvez isso já estivesse fechado, que se estivesse aberto era para a gente fazer de conta que estava dormindo e não ia acontecer nada.

Então, dito e feito, lá pelas duas horas de viagem passamos por um lugar onde estava a imigração, mas estava fechada. Mas uma meia hora depois, mais adiante, uns soldados nos pararam. Também tinham nos dito que se os soldados nos parassem, a gente fizesse de conta que estava dormindo e não iam pedir para descermos. Pararam o ônibus e meu irmão realmente estava dormindo, dormindo de verdade. Então nos disseram: quem tiver mala embaixo desce que vamos revistar. Como não tínhamos nada, não descemos. Fizemos de conta que estávamos dormindo e acenderam as luzes para ver, mas não falaram nada pra gente.

Continuamos e chegamos à cidade de Reynosa, já amanhecendo, e ali outro carro estava nos esperando para nos levar ao armazém. O armazém, como eles dizem.

A gente ia bem devagarinho

Lá no armazém estávamos a umas cinco quadras do rio. Tinha muita gente lá. Chegavam, chegavam, e iam embora, chegavam, iam embora, e nós dormíamos no chão. Lá quando te diziam: façam a fila pra comer, você tinha que correr, pegar o seu prato, lavar, porque senão, não comia.

Eles faziam duas viagens: uma de manhã, de madrugada, e outra de noite. Também ficamos três dias lá, nesse armazém. Estavam esperando mais gente chegar, porque íamos nos entregar à polícia migratória. Tínhamos que nos entregar, porque senão tinha que caminhar muito, no deserto, e eu tenho problemas de saúde, além do excesso de peso, tenho o coração maior e me canso muito. Então podia ser que eu não aguentasse andar muito no deserto.

De manhã tinha um grupo de gente que ia se entregar à polícia migratória, então, na manhã do segundo dia, saíram tipo quatro crianças, uma menina de cinco anos e outro menino com o pai. Eles saíram de madrugada, mas foram por uma parte do rio que é um pouco mais rasa, mas onde a correnteza é mais rápida. Então eles iam andando pelo rio e a correnteza levou a menina. A menina ia segurando a mão de um adulto, mas a mão escapou e o rio a levou. Era uma menina pequenininha, de cinco anos, hondurenha.

Então chegou o chefe e nos perguntou: quem é que vai se entregar? Que levante a mão. E aí ele disse que tínhamos que esperar o dia seguinte, porque íamos esperar outro grupo chegar.

No terceiro dia, saímos de noite. Éramos uma mãe com uma criança de colo, dois meninos de oito e sete anos, da Guatemala, que falavam quiché⁵, e um pai com a filha. Caminhamos até um lugar e lá eles tinham uma balsa inflável. Eles a inflaram e a colocaram na água. Primeiro entrou o que ia dirigir e sentou na frente. Depois nós entramos. Íamos eu, meu irmão, uma mulher que ia ajudando, os dois meninos pequenos e por último o pai com a menina.

A gente ia bem devagarinho, remando para não fazer barulho, porque nos disseram que lá também havia crocodilos. Não sei se era verdade, eu não vi nada. Iam remando devagarinho para não fazer barulho, porque a imigração também podia aparecer.

Chegamos do outro lado do rio, escalamos onde tínhamos que subir e esperamos quinze minutos, para que a polícia migratória chegasse. Chegaram dois, de quadriciclo, e fomos com eles, a pé.

Eu trazia um pedacinho de papelão, da caixa de um remédio, e nele estava anotado o número de telefone da minha mãe e o do trabalho dela, para que pudessem avisá-la.

5. Idioma originário do centro e do norte da Guatemala. (N. do E.)

A cabuya⁶

Ali adiante está o rio, a água que corre forte, como se fosse uma pessoa de mau caráter, muito brava, muito má. Todo mundo tem medo e alguns tratam de organizar os demais, de dizer quem tem que atravessar primeiro e quem vai depois. Nos perguntam se sabemos nadar. Eu digo que mais ou menos, que às vezes nadava no mar lá na minha vila, lá em Puerto Cortés. Minha prima está mais preocupada, por causa da filha, ela a aperta com força contra o peito e tenta niná-la, dizendo que é para acalmá-la, mas eu acho que ela a deixa mais nervosa. A bebê chora e chora. Deve estar com fome ou com sono.

– Quanto tempo ela tem? – lhe pergunta um homem que traz uma lanterna.

– Oito meses – responde a minha prima.

– Você veio sozinha? – ele diz.

– Só com a minha prima – ela responde, apontando pra mim com o queixo.

– E o pai da criança? – ele pergunta.

– Tá lá em Honduras – diz a minha prima –, não quis assumir, nunca se importou com a menina.

De longe dá para ouvir os gritos de quem já está atravessando o rio. Quem começou foi uma garota que não conseguia cruzar porque era gordinha. Apesar de estar escuro, com a luz da lua dava para vê-la. Ela segura a *cabuya* com força, mas afunda porque está muito nervosa.

– Ai ai ai ai ai ai! – a garota grita.

Ela grita que vai se afogar e todo mundo se assusta e de repente muita gente começa a gritar. Uns gritam de medo e outros gritam para tentar acalmá-los. Outros gritam que se não pararem de gritar os agentes da imigração vão ouvir. Algumas pessoas que estão na margem, ao ver os outros gritando dentro do rio, começam a chorar.

– Eu não quero morrer, eu não quero morrer – repete um garoto todo molhado, que se arrependeu depois de entrar no rio e voltou de novo.

– Que Deus nos permita cruzar – diz uma mulher para tentar tranquilizá-lo.

– A água tá gelada – diz o garoto molhado –, tá muito fria, muito fria – ele repete.

No meio do rio, dois homens agarram a garota gordinha e a ajudam para ela não afundar. Aos poucos, a garota se acalma e todos param de gritar.

– Se vocês segurarem bem na *cabuya*, não vai acontecer nada – o homem diz para a minha prima.

– Como eu vou segurar se eu tenho que carregar a menina? – responde a minha prima.

6. Fibra da pita, planta da família do agave (a mesma família de plantas das quais se fabrica a tequila). A fibra da pita é utilizada para fazer cordas e tecidos. (N. do E.)

O homem para para pensar. Um outro manda apagar as lanternas, pois tem que economizar as pilhas para quando estivermos do outro lado do rio.

Ficou tudo mais escuro, mas se você se acostuma à luz da lua dá para ver um pouco.

– Quantos anos você tem? – o homem me pergunta.

– Treze – eu respondo –, já vou fazer catorze.

Ele para para pensar de novo, como que calculando minhas forças, e então vai falar com uns outros homens. Minha prima começa a chorar e diz chorando pra bebê que não chore, que pare de chorar.

– Dá o peito pra menina, menina – uma mulher diz a ela.

– Ela não toma o peito – eu digo –, ela toma leite em pó, mas acabou.

A mulher não me dá bola.

– Dá o peito pra menina, menina – ela repete –, assim ela se acalma.

– Eu não tenho leite, dona – a minha prima responde, chorando –, o médico mandou eu dar leite em pó porque o meu leite não descia e a menina ficava com fome.

O homem volta acompanhado de outro, mexicano. O que falou com a gente antes também é hondurenho.

– Vocês vieram com quem? – o mexicano pergunta.

– Sozinhas – diz a minha prima.

– Não vieram com guia? – diz o mexicano.

Dizemos que não.

– E como vocês chegaram até aqui? – diz o homem, o hondurenho.

– Chegando – eu digo –, viemos no trem.

– E vão pra onde?

– Pra Nova York – diz minha prima, se controlando para parar de chorar.

– Temos uma tia que mora lá – eu digo –, uma irmã do meu pai.

– E como vocês vão fazer para chegar até lá? – diz o mexicano. – Vocês sabem que está bem longe, né?

– Chegando – eu digo, porque não faço ideia.

O mexicano olha o relógio.

– Que horas são? – eu pergunto.

– Quase três – ele responde.

Os dois homens vão embora de novo para falar com o grupo que está tentando organizar aquela bagunça.

– Acho que eu vou morrer – a minha prima diz, apertando a menina que não para de chorar.

Eu não lhe digo nada, porque também acho que vou morrer. Escuto o rio na escuridão e ele corre com muita, muita força, como alguém muito bravo e muito malvado.

Quem está atravessando está tão longe que não dá para ver, já devem estar chegando do outro lado. Espero que o rio não os tenha levado.

– Dá o peito pra menina, menina – a mulher diz mais uma vez para a minha prima – mesmo que você não tenha leite, assim ela se acalma.

Minha prima a obedece, mas a menina não pega o peito. Acho que ela desacostumou, minha prima quase nunca deu o peito.

– Quantos anos você tem? – a mulher pergunta à minha prima.

– Dezesete – diz minha prima.

– E vocês vieram assim, sozinhas? – diz a mulher.

– Viemos – minha prima responde –, viemos assim.

– Os pais de vocês sabem que vocês estão aqui? – ela pergunta.

– Não – eu respondo –, viemos assim.

– Então vocês fugiram – diz a mulher.

– Mais ou menos – diz a minha prima. – O meu pai já morreu, éramos só eu e a minha mãe e minha mãe nem sempre tem trabalho. Às vezes ela lava roupa. A situação tá muito difícil. Eu quero que a minha filha tenha um novo futuro.

– E você? – me pergunta a mulher – O que os seus pais fazem?

– Nada – eu digo.

– Nada? Como nada? – ela diz.

– Bem – digo –, meu pai é músico, toca violão, mas não tem nada estável. Às vezes, pagam para ele ir a uma festa, ou por tocar num bar, e nós ficamos esperando ele chegar para poder comer. Às vezes, ele não vem. Ou não traz nada. Às vezes, não temos o que comer.

– Que tipo de música ele toca? – ela pergunta.

– *La punta*.⁷

– Ele toca bem?

– Toca – digo.

– Você gosta de dançar? – ela pergunta.

– Gosto muito – eu digo.

O homem volta onde nós duas estávamos. Umas pessoas começam a entrar no rio, outras dizem que acham melhor esperar, que talvez daqui a pouco o rio não está tão forte, tão bravo.

– Eu levo ela pra você – o homem diz para a minha prima.

– E como você vai fazer? – a mulher se mete.

7. Gênero musical dança tradicional em Honduras, da etnia garífuna, com raízes africanas e ritmo rápido. Já tem sua versão mais comercial e contemporânea. (N. da T.)

- Vou levá-la erguida no alto – o homem diz –, com os braços levantados.
- O rio vai levar ela – a mulher diz –, é muito perigoso. Aliás, se você carregar a menina, como vai se segurar na *cabuya*?
- Eles vão me ajudar – o homem responde e vira de costas, sem dar importância
- Se você quiser que eu leve ela pra você – ele diz à minha prima –, tem que ser agora, eu vou cruzar agora e tem mais gente para me ajudar. Minha prima fica olhando. Eu mexo a cabeça para dizer a ela que sim.
- Obrigada – minha prima diz a ele.
- É melhor você me agradecer quando chegarmos do outro lado – diz o homem. Vocês não podem trazer nada, nem mochila nem nada, deixem tudo aqui. E tirem os sapatos.
- Eu agacho para tirar os sapatos e então minha prima me passa a menina para que eu a segure enquanto ela tira os seus. A bebê não chora mais, acho que cansou de chorar, está com os olhos abertos e aperta as mãozinhas como se tivesse dor de barriga. Ela boceja.
- Não vai acontecer nada com a gente – eu digo para minha prima –, olha só como você tem sorte. Qual a necessidade desse homem te ajudar? Ele podia te deixar aqui com a menina e só se preocupar se ele vai chegar do outro lado.
- É incrível que as pessoas te ajudem – ela diz.
- Teve um garoto que conhecemos no trem que nos ajudava sempre que os *mareros*⁸ subiam. Eles queriam que a gente pagasse para poder passar e o garoto nos ajudava para não termos que pagar. Ele nos protegia. Vai saber o que ele fazia ou o que dizia a eles. Ele nos ajudou muitíssimo. Eu até achei que ele gostava da minha prima, mas ela me disse que não tinha cabeça para pensar em namorar. E também tinha toda essa gente ao lado da linha do trem que jogava comida quando a gente passava. Burritos de arroz e feijão. E sanduíches.
- Nos aproximamos da beira do rio e umas pessoas começaram a entrar, em fila, segurando na *cabuya*.
- Quanto demora para atravessar? – minha prima pergunta ao homem.
- Se formos rápido, uns quinze minutos – ele responde.
- Leva no mínimo vinte minutos – a mulher se mete de novo.
- Meto os pés na água e o frio percorre meu corpo inteiro: era verdade, a água estava gelada. Vamos entrando aos poucos, segurando a *cabuya*, eu na frente, minha prima atrás e depois o homem com os braços levantados com a menina, acompanhado de outros homens que o ajudam, que o levam como se o carregassem.

8. Integrantes das Maras, gangues criminosas com presença transnacional, surgidas em Los Angeles e com presença em diversos países centro-americanos como El Salvador, Honduras e Guatemala. (N. da T.)

– O mais importante é vocês não ficarem nervosas – o homem nos diz. – Não se preocupe com a menina, não vai acontecer nada – ele diz para a minha prima.

Continuamos caminhando, a água nos joelhos, nas coxas, na barriga. Logo já não dá pé. O rio nos empurra com força, quer nos arrastar, bravo. O frio entumece nossas pernas, nossos braços, dá trabalho manter a respiração. Às vezes engulo um pouco d'água, mas não me solto da *cabuya*.

– Não soltem a *cabuya*! – alguém grita –, segurem bem forte!

Uns começam a chorar. Outros gritam que não conseguem, que o rio vai levá-los. Estamos no meio e já não dá para ver a margem. Mas eu olho para trás e à luz da lua vejo a menina no alto, os braços fortes do homem que a protege, a menina atravessando a fronteira por cima d'água.